

PLAYGROUND

CULTURA

CARA DE FORA

Bósnio, americano, escritor e boleiro, Aleksandar Hemon apresenta sua experiência em *O Livro das Minhas Vidas*
 POR EMILIANO URBIM

Desde 1992, quando era um turista iugoslavo nos EUA e descobriu que seu país sumira, o bósnio Aleksandar Hemon usa sua vida como base para contos e romances. Sua obra chamou atenção pela visão atualizada e surpreendente que dá à experiência de ser imigrante, estrangeiro, furão da festa, e lhe rendeu vários prêmios. Sua não ficção, publicada em revistas como a prestigiada *New Yorker*, segue o mesmo tema – e é justamente essa produção que é reunida em *O Livro das Minhas Vidas*, lançado agora no Brasil. Hemon vai estar na Flip 2013 e concedeu entrevista exclusiva à ALFA.

Já tentou escrever algo distante da sua experiência?

Eu não acho que seja possível alguém escrever uma história que não tem nada a ver com a sua história. A imaginação vem da experiência. Dito isso, a literatura que permanece puramente pessoal falha como arte.

Ainda se considera estrangeiro?

Não. Tenho passaporte americano e vivo em Chicago há 21 anos. Mas, como alguém que cresceu em um lugar e sistema político diferente, tenho críticas intensas a certo capitalismo, aquele que se baseia na ideia de que



O Livro das Minhas Vidas
 Aleksandar Hemon
 Rocco
 Preço e páginas a definir

a ganância é o motor da sociedade. Os EUA têm necessidade extrema de uma mudança política fundamental.

Ter filhas deve ter mudado sua vida. Minhas filhas [ele teve três – a do meio morreu com 1 ano de câncer no cérebro] abriram novos universos dentro de mim. Não acho que elas mudaram nada fundamental: elas só fizeram com que eu me desse conta de que há mais dentro de mim. Tudo o que eu faço o dia inteiro é amá-las.

Você escreve bastante sobre jogar bola com seus amigos, um hábito muito comum no Brasil. O que isso significa para você?

Sem futebol, eu provavelmente seria muito deprimido, gordo e estúpido. Eu explodi meus dois joelhos jogando e fiz cirurgias para jogar de novo – de duas a três vezes por semana. E vejo muitos jogos na TV, torcendo para a Bósnia ir ao Brasil em 2014. O futebol preenche uma necessidade profunda que nada mais pode preencher.

